

A república

Introdução

No dia 15 de novembro de 1889 foi proclamada a república no Brasil. Não houve uma revolução social e sim um golpe militar. O chefe da junta militar foi o marechal Deodoro da Fonseca.

É interessante analisar quais as razões que levaram os militares a implantarem a república no Brasil mandando para o exílio o imperador D. Pedro II.

Contam-se vários fatores que levaram a queda de D. Pedro II tais como: as idéias positivistas dos militares; as idéias republicanas; a questão maçônica- as brigas entre a igreja e o Estado; a libertação dos escravos; o corrupto Conde D'Eu, marido da princesa Isabel e o mais importante, a doença de D. Pedro II.

Guerra do Paraguai

Podemos dizer que a queda do império brasileiro começou com a guerra do Paraguai.

Em dezembro de 1864 as forças paraguaias invadiram o Uruguai e daí começou o que nós conhecemos como guerra do Paraguai e os países de língua espanhola chamam de guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai).

A guerra contra o Paraguai durou cinco anos e começaram os empréstimos externos do Brasil com a Inglaterra com os Rothschilds, dando início aos problemas de endividamento até hoje não resolvidos.

Até 1865, antes do início da guerra do Paraguai, o Brasil devia aos ingleses 11 milhões de libras. Após o término da guerra em 1870, a dívida passou para 31 milhões de libras, isto é, 20 milhões de libras em somente cinco anos.

Como é conhecido por todos, a guerra contra o Paraguai foi preparada pelo Brasil e Argentina. Provocaram a guerra e o Paraguai caiu na armadilha. O Brasil queria umas áreas perto de Mato Grosso e tinha medo da liberdade dos escravos no Paraguai. A Argentina como tinha perdido o Paraguai queria uma parte do mesmo e conseguiu.

O Brasil e a Argentina achavam que a guerra seria como um passeio e rápida. Mas isto não aconteceu.

Os paraguaios tinham construído uma ferrovia, uma indústria de tecelagem e estavam se libertando da Inglaterra, que era naquele tempo os Estados Unidos de hoje.

Os paraguaios tinham um exército bem equipado e treinado composto por 64 mil homens na ativa e 28 mil na reserva, enquanto o Brasil tinha somente 18 mil, a Argentina 8 mil e o Uruguai 1 mil.

A única vantagem que o Brasil tinha era a superioridade naval.

No início da guerra participaram os argentinos e os uruguaios e depois com o passar dos tempos, os brasileiros assumiram praticamente toda a guerra.

Os paraguaios resistiram e praticamente a metade (alguns falam 2/3) da população morreu na guerra, chegando ao ponto que o próprio Duque de Caxias mandara uma carta malcriada ao imperador D. Pedro II, pedindo a sua substituição, no que foi prontamente atendido.

Com o término da guerra do Paraguai, o Brasil estava endividado, mas contente em de ter derrotado um país tão pequeno, pobre e desolado.

Após a guerra do Paraguai os militares brasileiros começaram a fazer palestras por todo o Brasil, engrandecendo a necessidade do exército e mostrando o seu destino. Daí é que floresceram as idéias positivistas dentro do exército.

O positivismo

Auguste Comte (1798-1857), um francês tinha criado uma filosofia, que também era uma religião chamada positivismo. Não deu certo na França, mas foi muito bem aceita pelos jovens oficiais do exército brasileiro.

A doutrina positivista afirmava que toda asserção racionalmente justificável pode ser cientificamente verificada ou capaz de prova lógica ou matemática. Comte afirma que o curso da história, como a natureza da realidade social, estava sujeito a leis científicas. Deste modo Comte rejeitava tanto a teologia como a metafísica, defendendo no lugar destas uma religião da humanidade ou seja o positivismo (Thomas E. Skidmore).

A influência do positivismo no Brasil foi tão grande que, na nossa bandeira, as palavras “Ordem e Progresso” são ligadas a filosofia de Auguste Comte.

Pelo positivismo os militares brasileiros achavam que com a vitória sobre o Paraguai, tinham um destino manifesto e direito de interferir nos destinos do Brasil. Daí cresceu a idéia republicana.

Republicanismo

As idéias republicanas no Brasil surgiram com ênfase a partir de 1873 quando foi fundado em São Paulo o famoso PRP (Partido Republicano Paulista). As idéias republicanas dos paulistas eram diferentes dos cariocas e de outros estados brasileiros.

No período do império de D. Pedro II havia basicamente dois partidos, o liberal e o conservador que se alternavam no poder. Assim o Brasil imitava o sistema vigente na Inglaterra.

Questão maçônica: a igreja católica e o Estado

Na verdade não tem muita importância a briga que houve naquele tempo da igreja católica com o império brasileiro devido aos padres maçons.

Um sobrinho de um ministro de D. Pedro II tinha estudado em Roma e voltou ao Brasil com idéias de que os maçons não poderiam pertencer as irmandades religiosas, isto é, nenhum padre poderia ser maçom.

Naquele tempo havia o que se chamava a união entre o “trono e o altar”. Era D. Pedro II quem nomeava os Bispos. Assim D. Pedro II nomeou Dom Vital, bispo de Olinda. Além de haver muitos padres maçons era comum no nordeste os padres terem filhos. Era até um orgulho ser um filho de padre. Li que na época cerca de 30% dos padres do nordeste tinham amantes. O bispo Dom Vital queria acabar com isto também.

Ai começou a confusão. Um outro bispo se aliou a Dom Vital e começaram as perseguições contra os padres maçons em todo o Brasil. D. Pedro II que era simpatizante dos maçons com a ajuda de Duque de Caxias que era maçom, puseram os dois bispos na cadeia por uns dois anos. O papa apoiou os dois bispos, como era de se esperar.

Na mesma época houve a implantação do sistema métrico e no nordeste houve tanta briga que o exército teve de interferir.

Na verdade as brigas com os dois bispos encabeçada por D. Vital, pôs um fim na colaboração de 50 anos da igreja católica com a maçonaria.

Libertação dos escravos

Quando estava no ginásio li um artigo dos livros escolares que quando a princesa Isabel comunicou ao barão de Cotegipe que ia emancipar os escravos, o mesmo lhe disse que, com a assinatura deste documento, ela estava acabando com o império. Não era verdade. O império já estava acabado.

Há muito que o maçom Barão de Mauá sabia da libertação dos escravos bem como todos os ministros. Era só questão de tempo.

Os paulistas já tinham se apressado, trazendo cada vez mais imigrantes italianos para São Paulo para trabalhar na lavoura, chegando a um ponto que o governo brasileiro, às suas custas, trazia de navio os estrangeiros para São Paulo e para o sul do Brasil. Havia uma idéia reinante entre os fazendeiros que seria mais fácil controlar os imigrantes do que os libertos, pois a elite brasileira considerava os afro-brasileiros fisicamente inferiores e incapazes para hábitos sérios de trabalho (Thomas E. Skidmore).

Os únicos fazendeiros que ficaram realmente descontentes foram os do Vale do Paraíba que se desiludiram com o império.

Conde D'Eu

A princesa Isabel, filha de D. Pedro II era casada com o Conde D'Eu, um francês. Embora na época todos falassem o francês na corte, deixar um francês assumir o governo era outra coisa. Como poderiam os brasileiros deixar que um francês corrupto como o Conde D'Eu assumisse o império.

Cheguei a ler em um livro uma carta do Duque de Caxias criticando uma compra de coturnos para o seu exército. O preço comprado foi várias vezes maior que o preço normal e o culpado era o Conde D'Eu, chefe de toda a corrupção no governo de D. Pedro II.

D. Pedro II era um nobre honesto que ficou 50 anos no poder no século XIX. Poucas pessoas ficam tanto tempo no poder. Nos primeiros vinte anos de poder D. Pedro II realmente governou sendo que o restante 30 anos foi levando com a barriga, alternado no poder os ministros conservadores e liberais, deixando a corrupção tomar conta do Brasil sem fazer nada. Quando a corrupção estava muita alta, tirava os ministros e colocava outros, mas a corrupção continuava a mesma. Como D. Pedro II era uma pessoa honesta e de bom caráter, ninguém lhe atribui a corrupção em seu governo e a sua figura sempre ficou separada dos larápios que furtavam o governo. Mesmo assim o apelido dele era "Pedro banana".

Tinha seguido também os passos do seu pai D. Pedro I, chegando a ter um número muito grande de amantes, só que era muito discreto.

D. Pedro II sabia que não tinha herdeiros a sua altura para o substituir e a princesa Isabel não era muito inteligente. Um primo seu, que era geólogo e muito culto, ficou louco e disfarçadamente o mandaram para Portugal. D. Pedro II sabia que seria o último dos Bragança.

Doença de D. Pedro II

D. Pedro II tinha diabetes e estava bastante doente. Não tinha ninguém para assumir o governo, o Duque de Caxias já tinha morrido e daí surgiu o golpe de Estado de 15 de novembro de 1889, criando a República do Brasil.